

# cinema e literatura

## A FICÇÃO E O CINEMA

ADONIAS FILHO

A verdade é que o cinema, ao tempo em que valoriza, se coloca na dependência da ficção. Essa indústria espantosa, que em si mesma bastaria para caracterizar uma civilização tecnológica e mecânica, não teria como subsistir sem a novelística e a dramaturgia. Sua matéria-prima é a imaginação do homem. Necessitando do ficcionista, e através dele — de seu romance, seu conto, sua peça — associa-se como realização artística à literatura. É preciso não esquecer que o "script", como base na estória ficcional, antecede o filme. E esse filme, destinado a retransmitir a mensagem e a problemática da novelística — como, por exemplo, nos romances adaptados de Dostoiévski, Faulkner e Graham Greene —, convertendo-se em veículo de ficção, favorece a literatura no sentido de uma nova dimensão. O tema ou a personagem, adquirindo embora outro tratamento, não perde a configuração literária.

Torna-se possível dizer, em conseqüência, que são decisivas as relações entre o cinema e a ficção. É possível mesmo que, ao aceitar uma fabulação como conteúdo em seu tempo infantil, o cinema também aceitasse o comportamento ficcional no processo narrativo. A "técnica de contar", apesar da adaptação, não se altera excessivamente. A linguagem cinematográfica, em suas características próprias, reúne o episódio sem comprometer-lo, sustenta a atmosfera e mantém a vivência do romance ou do drama. Os elementos fundamentais da ficção, como se verifica, subsistem no filme. E, precisamente porque subsistem, é que o cinema — sem trair a ficção — não pode dispensá-la como matéria-prima.

O cinema, em conseqüência, se coloca na dependência da ficção. O lastro documental, e por assim dizer meramente fotográfico, não bastaria para mantê-lo em todas as exigências da receptividade. É a estória, e a estória no melhor sentido ficcional, o que o público reclama. Essa estória em seu poder de refletir os problemas humanos, sempre um centro de interesse popular, ao ser tomada pelo ci-

nema — com alguns exemplos em alguns romances de Dickens — adquire uma posição singular. O cinema a irradia e, ao invés de empobrecê-la como um outro veículo, apresenta-a sem transfigurá-la em seus elementos constitutivos. O romance permanece o mesmo em um caminho nôvo e, em linguagem diferente — a linguagem cinematográfica — retransmite a mensagem em sua fabulação.

Compreende-se, em conseqüência, que o cinema se volte para a ficção como indispensável à sua vida. A história temática do cinema, a partir da fase muda, se relaciona por isso mesmo com a novelística e a dramaturgia. O "far-west" já o esperava com Fenimore Cooper, O. Henry e Zane Gray. Em todos os momentos, e dentro da sua própria renovação, é a matéria ficcional que o alimenta para as grandes realizações. O encontro se torna decisivo à proporção que os recursos técnicos permitem, da parte do cinema, melhor apresentação da ficção autêntica. E quando finalmente se mostram as tragédias gregas e shakespearianas, os romances de Stendhal e Emily Bronte, logo entendemos como a correlação se faz extraordinária entre a novelística, a dramaturgia e o cinema. O romance, sobretudo o romance, conquistara um espaço imenso fora de si mesmo.

Mas, se o cinema pôde dispor da ficção como um veio inesgotável, preferindo o romance às estórias escritas diretamente para a filmagem, a conclusão que se alcança é realmente surpreendente: o romancista, e mais que o intérprete ou o diretor, é o seu grande agente. O romance, face ao cinema, é o gênero literário de base. E essa colocação excepcional se explica porque, como veículo de uma fabulação, esgota em sua temática todos os recursos ficcionais. É nele que a estória se compõe em todos os detalhes marcando o centro de interesse — pela ambiência completa — que assegura a receptividade. A procura do romance, por isso mesmo, não se restringe ao cinema. O teatro também o procura como motivação e, pela adaptação, com exemplos em Kafka e Camus, converte-se em dramaturgia.

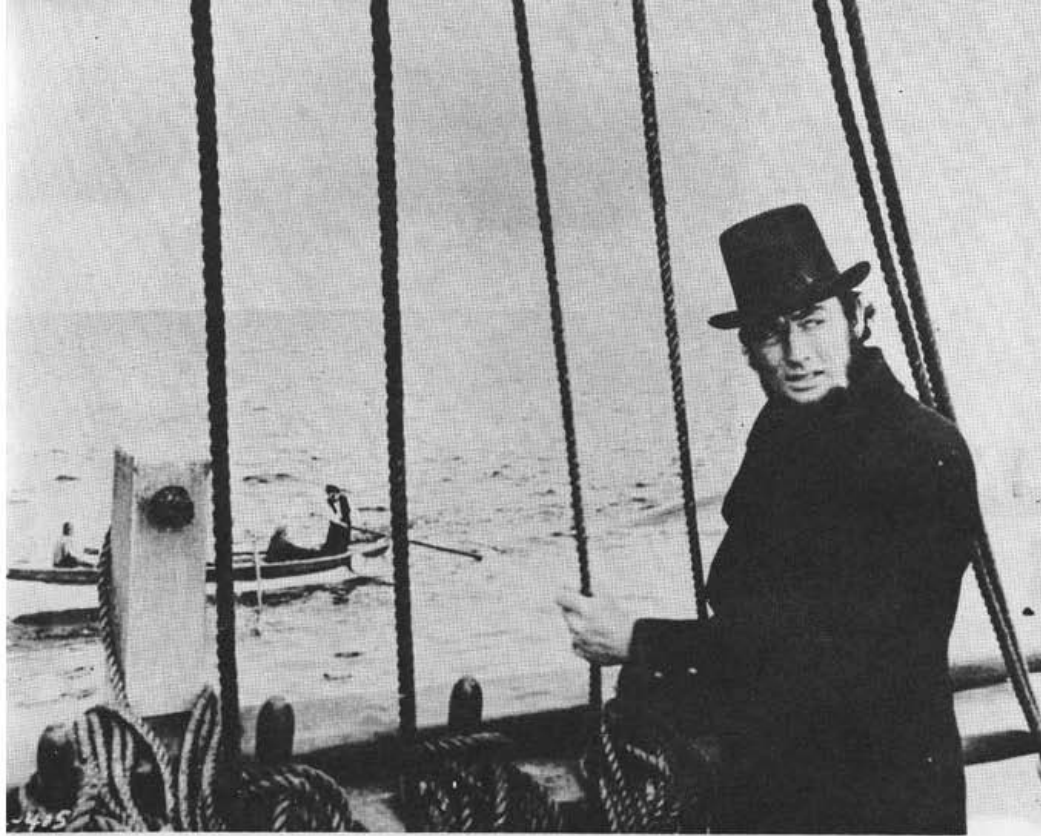
No fundo, porém, é a imaginação que se valoriza com o aproveitamento da ficção nesse tratamento cinematográfico. O gênero literário poderoso — que é o romance — se oferece como cobertura e de tal maneira se situa dentro do cinema que reaparece numa espécie de visualização animada. As imagens, extraídas do texto, como que ilustram o roman-

ce reafirmando que escapam dele os elementos plásticos. E, dentre os inúmeros exemplos, bastará o de "Moby Dick", de Melville, para que se perceba a penetração do romance na versão cinematográfica. Exemplo não menos significativo será o de "A Casa das Sete Torres", de Hawthorne. Prova-se finalmente que a ficção, e mais particularmente o romance, tem no cinema uma complementação. Em um veículo como no outro — na ficção ou no cinema — é a imaginação o que se valoriza.

Essa imaginação, uma das bases do ficcionista, explica com facilidade a sua vocação cinematográfica. "Os ficcionistas do passado, de Homero a Joyce — observa John Gassner — tiveram extraordinário senso cinematográfico." A simples leitura crítica dos grandes romances definitivos, e com exemplo em "Guerra e Paz", de Tolstoi, revelará como inspiraram o cinema na própria técnica da narração. Os "flash-backs", as "panoramic views", a "montage" e o "angle of narration" já estavam no romance e, elementos no artesanato do romancista, transferiram-se para o filme com a adaptação cinematográfica. Houve, e por imposição da própria ficção novelística, a apreensão pelo cinema de parte da sua técnica.

O cinema, por este lado, ao tempo em que se revela um herdeiro de elementos da ficção — incorporando suas técnicas de narração —, mostra-se como um outro passo, e o passo mais recente, na evolução mesma da arte de contar. E isso porque a arte de contar, apesar dos gêneros, dispõe de um só processo expositivo. O cancionero anônimo, de expressão poética, já transfere à epopéia — matriz do teatro e da novelística — os recursos narrativos imediatos. Esses recursos, aceitos e aperfeiçoados pela ficção, alcançam finalmente o cinema que, aplicando-os à sua linguagem, confirma a continuidade na evolução da arte de contar. O cinema, neste particular, e como se observa, não inicia um ciclo. Continua tão somente a tradição narrativa.

E, se confirma a herança da ficção pelo uso do processo de narração e pela exploração do seu veio temático, demonstra em sua própria força artística o poder criador do ficcionista. O romance, por exemplo, com o cinema, adquire irradiação extrema. O anfiteatro, na dramaturgia, se hipertrofia. É a ficção, nascida com o primeiro homem ao fundir sua imaginação com o mistério da vida e do mundo, que permanece agora com o cinema. **INC**



cinemas  
e literaturas

ROBE DRA  
A BESHAN

"Moby Dick", de  
John Huston, versão do  
romance de Melville:  
Gregory Peck

